

**"FUMO DE ROLO,
ARREIO E CANGALHA
EU TENHO PRA
VENDER, QUEM QUER
COMPRAR?
BOLO DE MILHO, BROA
E COCADA
EU TENHO PRA
VENDER, QUEM QUER
COMPRAR?"**

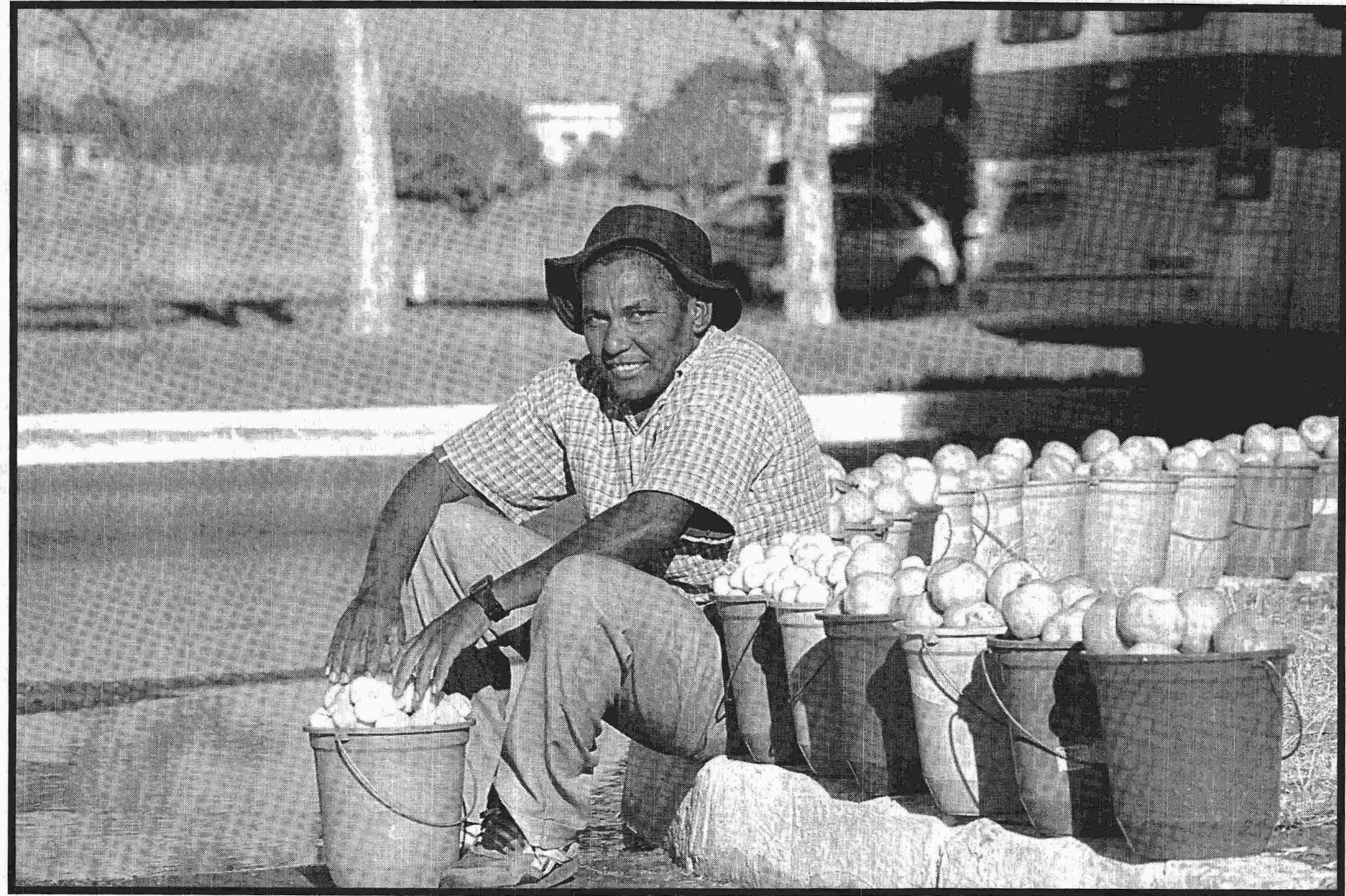
Feira de Mangaio, letra e música de Glorinha Gadelha e Sivuca, fez sucesso na voz de Clara Nunes. Remete às feiras livres — diversificadas, barulhentas, movimentadas, cheias de tipos pitorescos. Em Brasília, uma rodovia deixou de ser um lugar reservado apenas a carros apressados. Na maior parte dos seus 36,8 quilômetros de extensão, as margens da DF-003, ou EPIA (Estrada Parque de Indústria e Abastecimento), que liga a Candangolândia ao Balão do Torto, viraram prateleiras de um grande mercado ao ar livre.

Lá, encontra-se de tudo: frutas, redes, sapatos, bebidas, utensílios domésticos, cofres, móveis, bandeiras de time de futebol. Bem ao gosto — e à necessidade — do freguês. Este tipo de comércio informal é delineado por algumas características. As principais: os vendedores estão desempregados, vêm de longe, trabalham para outras pessoas e sabem que a atividade não traz garantias. Baseado nisso, preste atenção na história de Antônio de Jesus Ramos, 40 anos.

Há dez anos, ele deixou sua Santa Inês natal, no Maranhão, e veio para Brasília. Trabalhou como motorista em uma empresa particular até março último, quando foi demitido. Com mulher e dois filhos pequenos para sustentar, fez da EPIA seu lugar de trabalho provisório. Todos os dias, acorda às 6h, toma café-com-leite e pão-com-manteiga, e sai de sua casa, em Santa Maria, para ganhar a vida vendendo frutas e legumes na beira da estrada. À mão, marmita e garrafa com água.

Após viagem de ônibus de 40 minutos, chega por volta das 7h ao ponto onde comercializa os produtos, em frente à sede da Novacap. Só vai embora no final da tarde. A rotina é dura, a mesma de domingo a domingo. O lucro, mínimo. De segunda a sexta, não mais que R\$ 10,00 por dia. Finais de semana rendem mais: R\$ 20,00. Noventa por cento das vendas vão para o bolso de um comerciante da Ceasa, que agencia o serviço de seu Antônio. "Tem que se virar de qualquer jeito. Sei que não é um bom trabalho, mas não vou deixar minha família passar necessidade", diz o caboclo atencioso e de riso tímido.

Aqui, acolá, chega um cliente. Gente que passa ligeiro e decide abastecer a despensa de casa ou fazer um lanche. "Quando estou indo para casa almoçar, paro e compro alguma coisa que está faltando. E, às vezes, levo umas frutas para encher a barriga durante a tarde. Gosto de comprar aqui porque é tudo fresquinho", conta o taxista Geraldo do Espírito Santo, 43, morador do Núcleo Bandeirante.



ANTÔNIO DE JESUS DEIXOU O MARANHÃO HÁ DEZ ANOS PARA TENTAR A SORTE EM BRASÍLIA. JÁ TRABALHOU DE MOTORISTA, E HOJE GANHA A VIDA NA VIA EPIA, ONDE VENDE LEGUMES E FRUTAS

COMÉRCIO INFORMAL

FEIRA LIVRE NA ESTRADA

Rodovia DF-003 se transformou em um grande mercado. No local, é possível encontrar vários tipos de produtos, como frutas, legumes, verduras, redes, sapatos, bebidas e móveis

Cerca de 100 metros antes do ponto de seu Antônio, há um caminhão estacionado. A carroceria foi transformada em vitrine, onde são expostas dezenas de garrafas de vinho. É assim há oito anos, quando as marcas *Formigoni* e *San Pietro* entraram no mercado de Brasília, trazidas de Maringá, interior do Paraná, onde a bebida é produzida. James Ferreira Ribeiro, um paranaense de 19 anos, cuida do negócio do patrão.

Ele traz a mercadoria do Sul do país para revendê-la aqui. Ganha R\$ 400,00 fixos por mês. O pouco que recebe ajuda no sustento da família — mãe viúva e mais sete irmãos menores — que não vê desde janeiro. O vi-

nho faz sucesso, com direito a degustação para a freguesia. Em média, são vendidas 35 garrafas diariamente, por R\$ 10,00 (dois litros) e R\$ 20,00 (cinco litros). No final de semana, a média salta para 70 unidades.

"O pessoal procura a mercadoria porque não acha em supermercado. O vinho só é encontrado aqui", informa James. A promotora de eventos Angélica Loquingen, 27, provou, gostou e comprou. Ficou com duas garrafas (branco e tinto), que serão apreciadas em casa, com os amigos. "Uma amiga já tinha me recomendado. Resolvi conhecer o produto e aprovei. O sabor é adocicado e o teor alcoólico, não muito alto", diz Angélica.

"COURO LEGÍTIMO"

Seguindo pela DF-003, chegamos à margem oposta à Rodoferroviária, na Saída Norte. Sob lona plástica azul, no capô de um Chevette branco ano oitenta e poucos, o português Álvaro Amorim da Cunha, 69, expõe a mercadoria: sapatos. Produzidos em Goiás e Minas Gerais, servem para todos os pés, finalidades e bolsos. Há pares rudes, feitos de borracha de pneu, que custam R\$ 15,00. Os mais sofisticados — "É couro legítimo", garante — saem pelo dobro.

Seu Álvaro nasceu em Viana do Castelo, pequena cidade na região do Minho, Norte de Por-

tugal. Veio para o Brasil aos 18 anos e chegou por estas bandas no Natal de 1959. Apesar de tanto tempo, o sotaque lusitano ainda é grudado na língua — "Não consigo *arranjare* emprego, então tenho que *fazere* bicos, *ora pois*", exclama. As vendas não andam animadoras. No máximo, três, quatro pares de sapato por dia. Mas ele está confiante. "Faço bicos para sobreviver. Estou aqui há uma semana e espero ganhar uns R\$ 300,00 por mês", conta seu Álvaro, que mora em Taguatinga Norte e é separado.

Na Saída Sul, a feira continua. Muda apenas o produto. Desta vez, redes. Instalado em frente à entrada para o Cruzeiro, o parai-

bano Francisco Leandro Júnior, 21, exhibe suas redes e mantas multicoloridas. De algodão rústico, lona ou náilon, custam entre R\$ 15,00 e R\$ 40,00. Vêm de São Bento, no Sertão da Paraíba. Para cada unidade vendida, ele repassa uma porcentagem ao dono da mercadoria.

Francisco é veterano em ganhar a vida nas estradas do DF. Desde 1998, costuma passar temporadas de seis meses em Brasília. Só assim consegue mandar dinheiro para a mulher e a filha, que estão no Nordeste. Já vendeu os produtos na Água Mineral e na Estrada Parque Indústrias Gráficas (EPIG). "É como plantar. Se o terreno não está viçoso, a gente muda", explica.